



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

# Relações entre Violência Escolar e Resiliência: desafios na adolescência

Claudimara Chisté Santos  
Universidade de Pernambuco  
claudimara.chiste@upe.br

Jussiara de Souza Leal  
Universidade de Pernambuco  
jussiara.souza.10@gmail.com

Evandro Morais Peixoto  
Universidade de São Francisco  
epeixoto\_6@hotmail.com

## RESUMO

A violência, nas suas mais diversas formas de expressão, é considerada um agravo ao desenvolvimento humano. A resiliência, também objeto de estudo da presente pesquisa, por sua vez, pode representar um fator protetivo, minimizando as consequências de situações adversas. O objetivo deste estudo foi analisar as relações entre violência escolar e resiliência em adolescentes. Para tal, foi empregado o método quantitativo. Uma amostra de 100 estudantes oriundos de duas escolas, uma pública e uma particular responderam à Escala de Resiliência e à Escala de Violência Escolar. Os dados foram analisados através do software estatístico JASP e realizou-se o test T Student para comparação de médias entre grupos, como também a correlação de Pearson. Os grupos foram divididos quanto às variáveis escola e sexo. Os adolescentes do sexo masculino se percebem de modo mais significativo como vítimas de violência exercida por outros alunos. Quanto à resiliência, os resultados não diferem entre os grupos masculino e feminino. A escola pública apresentou uma percepção de violência global maior que a escola particular, tendo também se destacado na percepção de autoria de violência e na de vitimização de alunos por funcionários. Não foi encontrada correlação significativa entre violência escolar e resiliência. Encontrou-se correlação positiva entre as subescalas de violência escolar. Apesar de os alunos da escola pública apresentarem uma percepção de violência maior que o outro grupo, o desenvolvimento e a manutenção de uma tendência à resiliência parecem não ter sido afetada, o que amplia as possibilidades de intervenções.

**Palavras-chave:** Adolescentes; Violência Escolar; Resiliência.

## Relationships between School Violence and Resilience: challenges of adolescence

## ABSTRACT

The violence, in its most variable types of expression, is considered harmful to the human development. The resilience, another object of study in the present research, in other hand,



may represent a protective factor, minimizing the consequences of adverse situations. The objective of this study was to analyze the relation between school violence and resilience in teenagers. A quantitative method was employed in this study. A sample of 100 students from public and private schools answered the Resilience Scale and the School Violence Scale. The data was analyzed through the statistical software JASP and was performed the T Student test to compare the scores between groups and also the Pearson's correlation. The groups were divided by school (public or private) and gender. The teenagers from the male gender see themselves in a most significant way as victims of violence inflicted by other students. As the resilience, the results were not different between genders. The public school presented a greater global violence perception than the private school, it also stood out in the perception of the author of violence and of the victimization of students by the school staff. That was not found significant correlation between school violence and resilience, but was found a positive correlation between the subscales of school violence. Although the students from the public school presenting a greater violence perception than the other group, the development and maintenance of a tendency to resilience seems were not affected, this amplifies the possibilities of interventions.

**Keywords:** Teenagers; School Violence; Resilience.

## Introdução

O modo de vida contemporâneo traz uma série de repercussões que merecem atenção, como por exemplo, os elevados índices de violência, com aumento das taxas de homicídio e o crescente número da população vulnerável, em especial entre os jovens (RUOTTI, MASSA & PERES, 2011). Como apontado pelo Atlas de Vulnerabilidade Social, a partir de 2014 o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) não apresentou diminuição de valores, quando comparado com anos anteriores. Ao contrário, foi registrado um aumento de 2% na população brasileira (IPEA, 2017).

Intimamente ligado ao conceito de vulnerabilidade social está o de violência, aqui concebida não como única, mas como um conceito amplo e mutante, configurando-se de acordo com as contingências. Sua origem vem do latim, fazendo referência ao uso da superioridade física sobre o outro e também a noções de constrangimento. A violência pode estar relacionada “[...] a conflitos de autoridade, a lutas pelo poder e à vontade de domínio, de posse e de aniquilamento do outro ou de seus bens” (MINAYO, 2006, p. 13). A autora aponta para o fato deste fenômeno estar presente em realidades muito distintas, a depender da época, local e circunstância, podendo ser tolerado ou condenado, ser lícito ou ilícito, aprovado ou desaprovado, evidenciando assim seu caráter múltiplo e variável.

Mesmo que associada a situações de pobreza, a violência não é intrinsecamente ligada a ela, como uma de suas consequências. Ainda assim, é preciso compreender como as desigualdades sociais, negação de direitos e precarização do acesso a bens e serviços como lazer, esporte e cultura atuam nos grupos sociais, ocasionando comportamentos hostis



e violentos (ABRAMOVAY, 2002).

Situada nesse complexo contexto encontra-se a escola, ora como um espaço estimulante do desenvolvimento e aprendizagem humana, ora como um lugar de riscos e agravos para os indivíduos. Não isolada da sociedade, nela também se faz presente a violência que pode ser compreendida como aquela que acontece no espaço físico da instituição, no trajeto casa-escola, e em outros locais onde aconteçam atividades relacionadas a escola, como em festas, passeios e comemorações. Também pode ocorrer em outros espaços de convivência dos alunos, desencadeada por situações que se originaram na escola (NESELLO *et al.*, 2014). Assim, seja em espaços digitais, principalmente a partir das necessidades impostas pela pandemia do Covid-19, seja presencialmente, a escola é uma instituição ímpar para se analisar os efeitos da convivência dos adolescentes entre si e junto aos adultos, atores envolvidos na área da educação.

Considera-se a violência escolar como comportamentos agressivos e antissociais ocorridos entre os estudantes (BANDEIRA & HUTZ, 2012), incluindo atos de agressão dirigidos diretamente para outra pessoa como violência física, psicológica e verbal, como também para seus bens, como violência patrimonial, roubo, furto ou qualquer dano material realizado com a intenção de prejudicar o outro (SILVA & ASSIS, 2018).

Em contraponto a situações de violência, é preciso encontrar possibilidades de enfrentamento. A resiliência se apresenta, em situações adversas, como uma das estratégias que foram desenvolvidas pelo homem a fim de reduzir os danos e melhor conviver neste contexto. Segundo Rutter (1987), a resiliência surge como um conceito concebido nas ciências sociais e é compreendida como a capacidade humana de lidar com as adversidades envolvendo processos intra e extrapsíquicos.

De acordo com Brandão & Nascimento (2019), a resiliência pode ser compreendida como um processo, mutável e contingencial, relacionando-se diretamente com as circunstâncias de vida do indivíduo, com a exposição a estressores, com fatores de risco e proteção.

Rutter (1987) também comunga da concepção de resiliência como um processo adaptativo. Para ele, a resiliência não é unifatorial, mas compreendida como um conjunto de ações, advindas de processos sociais e intrapsíquicos, que dão possibilidade para que o indivíduo se desenvolva de modo sadio, mesmo estando num ambiente nocivo. Nesse processo operam características do jovem, e do seu meio social, familiar e cultural. Considerando que as concepções deste autor são uma referência no estudo da resiliência, aqui sua definição foi utilizada como base para o trabalho desenvolvido.

A partir da problematização levantada e do balizamento teórico, o objetivo principal



da pesquisa foi analisar as relações entre percepção de violência escolar e níveis de resiliência em adolescentes. Para alcançá-lo, foram traçados os seguintes objetivos específicos: identificar o nível de resiliência em estudantes de uma escola municipal e de uma escola privada de um município no agreste pernambucano; identificar o nível de violência escolar em estudantes de uma escola municipal e de uma escola privada de um município do agreste pernambucano; comparar os níveis de resiliência e de violência escolar nos grupos investigados (pública e particular).

## **Método**

Trata-se de um estudo quantitativo-descritivo, caracterizado por utilizar artifícios quantitativos para a realização da coleta e análise sistemática de dados para fins de verificação de hipóteses (LAKATOS & MARCONI, 2003).

## **Participantes**

A pesquisa foi realizada com 100 adolescentes, em duas escolas de um município situado no agreste pernambucano, sendo metade pertencente à rede pública e outra metade à rede privada de ensino. Para fazer parte da pesquisa foi necessário ser estudante de uma das escolas selecionadas com um tempo mínimo de seis meses e ter entre 12 e 16 anos. Todas as normas seguiram as determinações da Resolução do CNS 510/2016.

Para garantir atenção personalizada durante a aplicação das escalas, participaram três acadêmicas do curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco, previamente treinadas – Déborah Juliana de Albuquerque Teles, Gabriela Almeida Rocha e Maria Eduarda Simões Bezerra.

## **Instrumentos**

Os instrumentos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa foram a Escala de Violência Escolar (EVE), desenvolvida e validada por Stelko-Pereira (2012) e a Escala de Resiliência (WAGNILD & YOUNG, 1993), validada no Brasil por Pesce *et al.* (2005) e foram aplicados coletivamente, tendo como duração da aplicação aproximadamente 30 minutos.

A Escala de Violência Escolar (EVE) é um instrumento que avalia comportamentos relacionados à violência no contexto escolar. É uma escala de frequência, do tipo likert com cinco opções de resposta para cada questão. Ela é subdividida em quatro subescalas, que avaliam situações de violência que ocorreram nos últimos seis meses, são elas: Escala de



Vitimização entre Alunos (EVA), Escala de Autoria de Violência entre Alunos (EAVA), Escala de Vitimização a Alunos por Funcionários (EVAF) e Escala de Comportamento de Risco (ECR).

A escala de Resiliência validada por Pesce *et al.* (2005) é do tipo likert, com sete opções de resposta que variam de discordo totalmente até concordo totalmente, possui 25 itens e três fatores principais. O primeiro é nomeado resolução de ações e valores – que dão sentido à vida. No segundo fator estão presentes itens relacionados à ideia de independência e de determinação. O terceiro e último é composto por itens indicativos de autoconfiança e capacidade de adaptação às situações.

## **Análise dos Dados**

A tabulação e análise dos dados foi realizada através do software JASP 0. 9. 1. 0. A comparação da média entre os grupos foi feita por meio do Test t de Student. Também se realizou a correlação, verificando a existência e o grau de relação entre as variáveis (MORETTIN & BUSSAB, 1981), utilizando-se o mesmo software, pois ele permite correlacionar os dados de acordo com as variáveis selecionadas. Para tanto, estimou-se índices de correlação de Pearson, considerando-se como indicadores de significância estatística níveis de  $p < 0,05$ , bem como a estatística de tamanho de efeito d de Cohen superior a 0,3 e classificação das magnitudes de correlações entre 0 e 0,9 como nula, entre 0,10 e 0,29 como fraca, entre 0,30 e 0,49 moderado e superior a 0,50 como forte (COHEN, 1988).

## **Resultados**

A média de idade dos participantes das duas escolas foi de 14,2 anos, com desvio padrão de 1,2. Em relação ao sexo, 59% da amostra foi feminina e 41% masculina. Para análise dos dados, foi calculada a média de respostas dos participantes aos instrumentos utilizados, considerando os fatores presentes e o somatório total.

### **Sexo x Percepção de Violência Escolar**

Em relação à percepção de violência escolar, foram considerados neste momento



apenas o somatório geral das quatro subescalas, que são: Escala de Vitimização entre Alunos (EVA), Escala de Autoria de Violência entre Alunos (EAVA), Escala de Vitimização a Alunos por Funcionários (EVAF) e Escala de Comportamento de Risco (ECR). Os fatores de cada subescala serão considerados posteriormente.

De acordo com escores médios apresentados na Tabela 1, percebe-se que não houve um padrão nas respostas dos grupos. Na maioria dos casos as médias foram bem semelhantes entre meninos e meninas. Entretanto, os adolescentes do sexo masculino se percebem mais como vítimas ou espectadores de violência. Não era objetivo do presente estudo e não foi avaliado se a violência praticada contra adolescentes do sexo feminino é diferente daquela feita com adolescentes do sexo masculino. Até aqui fica claro, apenas, que ambos os sexos se percebem de forma similar praticando a violência (EAVA).

Tabela 1 - Resiliência e percepção de violência de acordo com o sexo.

RESILIÊNCIA			PERCEPÇÃO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR							
			EVA		EAVA		EVAF		ECR	
	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC
FATOR 1	74,3	74,8	5,7	8,7	4,2	5,4	0,22	0,32		
FATOR 2	21,25	20,8	0,95	0,88	0,95	0,34	1,44	1,66		
FATOR 3	27,9	26,7								
TOTAL	123,5	122,3	6,6	9,9	5,2	5,7	1,7	2,1	0,4	0,3

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quando analisados os resultados a partir dos fatores em cada subescala, encontra-se um panorama semelhante ao apresentado anteriormente. Tendo em vista a variabilidade dos escores médios apresentados, compreende-se que não houve constância nos resultados, já que em alguns fatores os meninos apresentaram médias mais altas e em outros as meninas. A partir disso, tem-se que na maioria dos fatores o sexo não foi um determinante para percepção e vivência da violência do âmbito escolar.

No entanto, encontramos significância nas diferenças médias que se referem ao fator



1 (vitimização presencial) da EVA, indicando uma diferença de média significativa ( $p=0,02$ ,  $d=0,36$ ). Desta forma, dentro do espectro da violência entre alunos, a presencial é a considerada mais frequente entre os participantes do sexo masculino.

## Sexo x Resiliência

Em relação à resiliência, quando calculadas as médias dos participantes, considerando o sexo como variável, olhando cada fator isolado e o somatório geral, as médias de ambos os grupos foram muito próximas, não encontrando diferenças significativas. Desse modo, conclui-se que o sexo do participante, nesse contexto, não foi um fator definidor para apresentação de uma tendência à resiliência, como se observa na Tabela 1.

A seguir, a variável apresentada será o tipo de escola – pública ou privada, analisando tanto violência escolar, quanto resiliência.

## Escola x Percepção de Violência Escolar

A Tabela 2 apresenta os resultados das médias e desvio padrão de cada fator das escalas e subescalas utilizadas divididas em fatores. Como a Escala de Comportamento de Risco – ECR não possui fatores, optou-se por não incluir estas informações na tabela. O resultado total de cada escala será apresentado ao longo do texto. A percepção de violência escolar será inicialmente abordada. O índice geral de percepção de violência em todas as categorias é maior na escola da rede pública.

Passaremos a apresentar agora os resultados por subescalas. A escola pública foi denominada Grupo 1 e a particular, Grupo 2. No que tange à vitimização de alunos por colegas (EVA), obteve-se os escores 8,9 e 6,8 para o grupo 1 e 2 respectivamente.

Tabela 2 - Resiliência e percepção de violência escolar de acordo com a escola por fatores.

ESCALA	GRUPO	MÉDIA	DESVIO PADRÃO
E-R FATOR 1	1	76,5	11,6
	2	72,5	15,9
E-R FATOR 2	1	21,5	4,2
	2	20,6	4,7
E-R FATOR 3	1	28,5	4,8
	2	26,4	6,6
EVA FATOR 1	1	8,0	6,5
	2	5,8	5,6
	1	0,88	2,0



<b>EVA FATOR 2</b>	2	0,96	2,3
<b>EAVA FATOR 1</b>	1	6,7	6,7
	2	2,7	4,1
<b>EAVA FATOR 2</b>	1	0,96	1,7
	2	0,44	2,0
<b>EVAF FATOR 1</b>	1	0,3	1,1
	2	0,2	0,8
<b>EVAF FATOR 2</b>	1	2,4	2,8
	2	0,7	1,7

Fonte: Dados da Pesquisa.

Em se tratando de autoria de violência (EAVA), a pontuação foi de 7,6 para a escola pública e de 3,2 para a particular. Nesse sentido, o estudo de Forlim *et al.* (2014) relatou uma pontuação de 3,99 para autoria de violência, ou seja, um escore semelhante ao da escola particular e muito inferior ao da escola pública, sugerindo que o grupo 1 se sobressaiu em autoria de violência, tanto quando comparado com uma população diferente no caso da escola privada, como também com situações bem semelhantes.

Na EAVA foi encontrada diferença acentuada entre as escolas pública e privada ( $p = 0,001$ ). Pode-se afirmar, portanto, que neste grupo pesquisado, os alunos da escola pública apresentaram uma tendência maior a se perceberem praticando violência, quando em comparação com os da escola privada. Buscando compreender se a percepção de autoria se dava mais presencialmente (Fator 1) ou de modo virtual (Fator 2), tem-se que a primeira forma, na escola pública, apresentou uma diferença ainda mais significativa ( $p < 0,001$ ). A virtual, por sua vez, não apresentou diferença.

Situação semelhante aconteceu em relação aos resultados da EVAF, que avalia percepção de violência praticada por funcionários. Neste quesito também foram encontradas diferenças estatisticamente significantes ( $p = 0,001$ ). Tal dado demonstra que os alunos do Grupo 1 (escola pública) se percebem como mais suscetíveis a serem alvos de violência por funcionários da escola.

A EVAF possui dois fatores, um que pesquisa vitimização direta, por meio de violência verbal e física e outro, que investiga a percepção de violência feita por meio de práticas disciplinares, impingindo punição sem usar violência física ou verbal. O único fator que apresentou diferença significativa entre as escolas foi o segundo, ou seja, os alunos da escola pública se percebem sofrendo violência por práticas disciplinares. Os escores da escola pública (grupo 1) foram mais altos que os da escola privada (grupo 2), apontando para um índice de diferença com elevada significância ( $p < 0,001$ ).



## Correlação entre a Escala de Resiliência e as subescalas da EVE.

Na tabela três descreve-se a correlação entre a ER – Escala de Resiliência geral, como também de seus três fatores: ER-F1 (resolução de ações e valores – que dão sentido à vida), ER-F2 (itens relacionados à ideia de independência e de determinação) e ER-F3 (autoconfiança e capacidade de adaptação às situações). As subescalas da EVE estão na Tabela 3 foram as seguintes: EVA: Escala de Vitimização entre Alunos, EAVA: Escala de Autoria de Violência entre Alunos, EVAF: Escala de Vitimização a Alunos por Funcionários, ECR: Escala de Comportamento de Risco.

Em todas as combinações entre as subescalas da EVE foram encontradas correlações significativas ( $p < 0,05$ ). Como percebido na Tabela 3, todas as correlações são positivas, ou seja, as variáveis assumem o movimento de crescimento juntas. Tal raciocínio faz sentido, uma vez que as subescalas analisam facetas de um fenômeno amplo, a violência escolar.

O grau de significância das correlações foi predominantemente acentuado, ficando na maioria dos casos menor que 0,001. Assim, ao analisar a Tabela 3, pode-se interpretar que “vitimização entre alunos” e que “vitimização de alunos por funcionários” estabelecem uma correlação fraca com a subescala de comportamento de risco; já entre “autoria de violência entre alunos” e “comportamento de risco” foi encontrada uma correlação moderada, evidenciando que o crescimento de uma dessas variáveis implica no crescimento moderado da outra.

Tabela 3 - Correlação entre as subescalas da EVE.

Variáveis	ER-TOTAL	ER - F1	ER - F2	ER - F3	EAVA	EVAF	ECR	EVA
ER -TOTAL	—							
ER - F1	***0.951	—						
ER - F2	***0.739	***0.568	—					
ER - F3	***0.822	***0.654	***0.584	—				
EAVA	-0.087	-0.058	-0.135	-0.077	—			
EVAF	-0.005	0.024	-0.114	0.013	***0.381	—		
ECR	-0.048	-0.012	-0.147	-0.037	***0.490	*0.237	—	
EVA	-0.130	-0.104	-0.183	-0.089	***0.620	***0.414	**0.266	—

\*  $p < .05$ , \*\*  $p < .01$ , \*\*\*  $p < .001$

Fonte: Dados da Pesquisa.



Também observa-se que duas subescalas tiveram correlação moderada com “vitimização de alunos por funcionários”, foram as que se referem à “autoria de violência entre alunos” e à “vitimização entre alunos de Risco.

## **Escola X Resiliência**

A Tabela 2 apresenta os dados que indicam que os alunos da escola pública obtiveram médias maiores em todos os fatores e no somatório geral, assinalando, ainda que timidamente, uma diferença. Uma distinção um pouco maior, apesar de também não ser estatisticamente significativa, se apresentou no somatório geral. Mesmo que não tenha sido encontrada significância estatística nas diferenças entre as médias, esse tipo de resultado merece atenção, uma vez que se repete em todas as categorias de análise. Levando-se em consideração que a pontuação da escala varia entre 25 e 175, e que quanto mais alto o resultado maior é a tendência à resiliência, os dois grupos analisados se encontram com uma pontuação alta, indicando um patamar elevado de tendência à resiliência.

Na análise por fator um movimento análogo foi percebido. No primeiro fator – ações e valores – as médias obtidas pelas escolas pública e privada foram 76,5 e 72,5 respectivamente. Considerando que a pontuação vai de 15 a 105, o resultado indica que ambos os grupos têm um bom desenvolvimento em relação aos aspectos que dão sentido à vida, como amizade, realização pessoal, satisfação e significado da vida. (PESCE *et al.*,2005).

No segundo fator – independência e determinação – em que é possível obter entre 4 e 28 pontos, os grupos obtiveram 21,5 e 20,6, ficando muito próximos do resultado máximo, apontando bom desenvolvimento desses aspectos nos adolescentes nos dois grupos.

No terceiro e último fator – autoconfiança e capacidade de adaptação – o instrumento permite uma variação entre 6 e 42 pontos. Nesse caso, os grupos não se aproximaram do valor máximo como observamos nos dois primeiros, ficando com 28,5 e 26,4, respectivamente. Assim, ficaram situados um pouco acima da metade da pontuação, sinalizando que a autoconfiança e a capacidade de adaptação a situações dos estudantes não são mínimas, no entanto, há possibilidade de um maior desenvolvimento. Outro ponto que merece destaque são as diferenças de desvio padrão, ele é menor entre as respostas oriundas dos participantes da escola pública, sugerindo menor oscilação dos resultados dentro desse grupo.

Quando analisa-se a correlação entre a escala de resiliência e seus fatores na Tabela



3, fica evidente que o instrumento apresenta grau significativo de correlação interna ( $p < .001$ ). Uma vez que todas as correlações são positivas, compreende-se então que as variáveis tendem ao crescimento juntas. O desenvolvimento de um dos aspectos da resiliência tende a vir acompanhado do desenvolvimento dos demais e também da resiliência.

## Discussão

A fim de ampliar nosso repertório de análise, recorreremos à literatura para compará-los com outras populações. Em um estudo com adolescentes em situação de vulnerabilidade de 7° a 9° ano de uma escola municipal em Taquara/RS, os pesquisadores encontraram uma média de 122, 52 com desvio padrão de 21,85 (HAACK, *et al.*, 2012). Em outra investigação, estudantes portugueses de uma escola técnica apresentaram um resultado de 128,9 com desvio padrão de 16,4 (OLIVEIRA & MACHADO, 2011). Em uma pesquisa realizada no interior de São Paulo, com estudantes do ensino médio de duas escolas, sendo uma pública e uma privada, a pontuação média de 74,78 com desvio padrão de 8,52 (GODOY *et al.*, 2010).

Em relação aos resultados que não diferenciaram a percepção de vitimização em relação ao sexo, os dados aqui encontrados são congruentes com os levantados por Veloso *et al.* (2020). Os autores analisaram os dados Pesquisa Nacional sobre Saúde Escolar – PeNSE (IBGE), por meio de análise secundária de dados, a partir das informações de 10.699 de estudantes entre 13 e 17 anos. A prevalência de escolares que alegaram ter sofrido bullying foi de 6,6% no sexo masculino e de 5,9% no sexo feminino, não havendo diferença estatística nesta variável.

Nesse sentido, quando comparam-se os resultados desta amostra com os grupos acima citados, compreende-se que a tendência à resiliência apresentada pode ser considerada boa e adequada para a população, tendo em vista que se aproxima muito de resultados já obtidos, chegando a ultrapassar consideravelmente o último estudo citado, com um delineamento muito semelhante, vale ressaltar.

Para responder ao nosso terceiro e último objetivo específico, que era verificar a existência de algum grau de relação entre percepção de violência e resiliência, foi utilizado o teste de correlação de Pearson ( $r$ ). De acordo com a Tabela 3, não foram encontradas relações significativas entre os três fatores da escala e seu resultado geral com as quatro



subescalas de violência escolar, indicando assim que não há associação direta para o desenvolvimento da resiliência com a percepção de violência sofrida/praticada pelo adolescente nesse ambiente.

De acordo com o exposto, tendo em vista a quantidade de categorias analisadas, gênero não se apresentou como uma variável determinante nos resultados encontrados para percepção de violência escolar. Não foram encontradas grandes disparidades entre os grupos, com exceção da subescala “Vitimização entre Alunos”, na qual os participantes do sexo masculino se destacam, tendo uma percepção mais acentuada de vitimização por pares, sendo maior ainda quando fala-se de vitimização presencial. Em estudo semelhante, os estudantes do sexo masculino foram tidos como mais suscetíveis a sofrerem violência física e material do que estudantes do sexo feminino, entre estas se fez mais presente a violência psicológica (MARCOLINO, 2015).

As diferenças entre escolas foram bastante acentuadas no que se refere à percepção de violência escolar, uma vez que os estudantes oriundos da escola municipal demonstraram perceber a instituição como um ambiente mais violento do que aqueles que estavam no espaço privado. Contudo, acredita-se que essa percepção não difere da realidade brasileira. Em uma outra investigação foram encontradas situações de violência escolar em três escolas distintas da rede estadual de ensino na cidade de Curitiba, indicando que a ocorrência de violência tem sido uma realidade presente nestas instituições (STELKO-PEREIRA, 2009).

Ainda nesta reflexão, na pesquisa de Oliveira e Fitz (2014), ao contrário desta, não foram encontradas grandes diferenças entre escolas públicas e privadas quanto à percepção de violência escolar avaliada pela EVE, indicando que nesses casos a questão público-privado não foi determinante para o desenvolvimento de violência nesses ambientes. Na presente amostra, como já apontado, foi encontrada uma percepção de violência em ambas as escolas, mas de modo mais presente na escola pública.

Ademais, as situações de violência na escola “...podem ter um forte impacto na vida e saúde das crianças e adolescentes, desde alterações fisiológicas e psicológicas até comprometimento da perspectiva de futuro e desenvolvimento pessoal” (HILDEBRAND et al., 2019, p.2). Entretanto, há situações em que, mesmo sofrendo violência, são encontrados casos em que se identifica preservação ou desenvolvimento de resiliência e de estratégias de defesa, como apontam Eggerman e Panter-Brick (2010), que identificaram em crianças afegãs fortalecimento destes aspectos protetivos, apesar das adversidades. É preciso, pois, ampliar os estudos para se investigar quais ações ou condições são necessárias para que tal fato ocorra.



Forlim, Stelko-Pereira & Williams (2014), em estudo com população de adolescentes em situação de vulnerabilidade, encontraram uma média de 14,78 para escala de vitimização entre alunos (EVA), índice consideravelmente maior que os encontrados na presente investigação, indicando que os adolescentes de ambos os grupos da presente pesquisa se percebem menos como alvo de violência que os do estudo citado.

Entre as subescalas “vitimização entre aluno” e “autoria de violência entre alunos” foi encontrada uma correlação forte, indicando seu crescimento conjunto no espectro da violência. Essa correlação sugere a necessidade de se analisar mais detidamente essa situação, uma vez que é necessário identificar se a mesma pessoa que se sente vítima, também se percebe sendo autora de violência. Caso essa hipótese se confirme, também é relevante compreender como as ações do indivíduo se complementam e podem ou não ser usadas como estratégias de enfrentamento, ampliando a investigação sobre resiliência.

Uma hipótese a ser investigada para esta diferença de resultados é que o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano de um município - pode interferir diretamente na vivência de escolas públicas e particulares, isto é, índices altos na região podem ser fatores protetivos que estejam presentes em todos os jovens, independente da escola. Em regiões com índice menor, a escola parece ficar com a missão de compensar outros agravos ao desenvolvimento, relacionados à nutrição, à segurança e ao acesso à saúde. De acordo com Santos *et al.* (2020), no período da adolescência, especialmente, é importante olhar para os fatores de risco ou de proteção, que iram influenciar diretamente a adoção (ou não) de um comportamento resiliente frente às adversidades da vida.

Quanto à avaliação de percepção de autoria de violência, os alunos do Grupo 1 se identificam mais como autores, indicando que desempenham um papel não só de vítima, mas de mantenedores dessa realidade. O fenômeno de autoria de violência pode estar relacionado a diversos fatores, como a impunidade e ineficiência de funcionários frente a situações de violência escolar, como apontado por Stelko-Pereira, Albuquerque & Williams (2012). As autoras sinalizam sobre a existência de um ciclo de vitimização, em que a autoria de violência pode ser compreendida como forma de retaliação a situações de agressões sofridas, em especial quando se relacionam com a falta de confiança em funcionários da escola.

Esses estudantes não só se percebem como autores de violência, mas também como vítimas, em especial praticadas pelos funcionários da escola. Stelko-Pereira (2012), em uma investigação com uma população semelhante, constatou que os adolescentes de três escolas relataram um alto índice de violência na presença de funcionários, tendo recebido xingamentos, apelidos, ameaças e agressões físicas de outros alunos sob a presença de



funcionários por perto. A incidência de violência escolar praticada por funcionários parece não se restringir à presente realidade. Marcolino (2015) descobriu que 50% dos estudantes vivenciaram situações de violência simbólica por autoria de professores.

Os adolescentes do grupo 1 (escola pública) também apresentaram escores timidamente mais altos em todas as categorias de resiliência analisadas, além disso, percebeu-se que ambos os grupos apresentaram uma boa tendência à resiliência na maioria dos panoramas, excetuando o fator 3 (autoconfiança e capacidade de adaptação), onde obtiveram pontuação mediana.

Algumas hipóteses podem ser aventadas a partir dos resultados apresentados. A escola pública parece ter um papel de possibilitar o desenvolvimento da resiliência de seus alunos ou ao menos a manutenção dela, naqueles que já a tem desenvolvida. Tal possibilidade é aqui cogitada porque, apesar da percepção de violência escolar ser maior na escola pública, ainda assim eles conseguem, mesmo que com uma diferença sutil, apresentar maior tendência à resiliência.

Com o objetivo de investigar a influência tanto da renda financeira familiar, quanto da capacidade mental sobre qualidade de vida (QV), Cheung et al. (2020) contaram com a colaboração de 905 jovens chineses, concluintes do ensino profissionalizante. A variável interveniente do estudo foi a resiliência. Eles concluíram que a atenção plena, associada à resiliência, tem efeitos diretos na QV, enquanto que a renda apresentou apenas influência indireta. Segundo os autores, a resiliência é uma variável que influencia tanto o desenvolvimento da atenção plena, quanto da percepção de qualidade de vida. Em relação a populações situadas no Brasil, estudos que façam um recorte sobre a eficácia de programas de estimulação e desenvolvimento da resiliência se fazem necessários para verificar a maneira mais otimizada de empregar recursos públicos para minimizar desigualdades. Sem uma sistematização, a escola pública investigada na presente pesquisa parece estar alcançando êxito neste quesito, mas o direcionamento dos esforços poderia ser maximizado com pesquisas mais detalhadas, que apontem as ações mais eficazes.

Dos três fatores da escala de resiliência, o que não deu um resultado tão positivo foi o que aborda a autoconfiança e a capacidade de adaptação a situações, tanto para os adolescentes da escola pública, quanto para os da escola privada. Este dado sugere a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre as vivências da juventude e sobre a área de Educação, uma vez que estes são fatores que podem, sim, ser estimulados e desenvolvidos na escola. Feitosa (2014) realizou uma revisão de literatura e identificou que o desenvolvimento de habilidades sociais, incluindo a autoconfiança e autoestima, é um fator protetivo para a incidência de depressão, problema a ser enfrentado na adolescência. Este



dado pode embasar futuras intervenções na área de Psicologia Escolar no município investigado, em especial na formação de professores, visando subsidiar estudos e ações que estimulem o desenvolvimento tanto de autoconfiança, quanto de estratégias de enfrentamento.

É sabido que a exposição a fatores de risco aumenta a probabilidade de o jovem se tornar violento (RIBEIRO & SANI, 2009). Além disso, a depender do tipo e da intensidade do dano sofrido e se for associado a outros fatores de risco, a violência pode vir a ser um entrave no desenvolvimento humano.

A vivência em um ambiente escolar percebido como violento parece não ter reverberado de modo negativo nos alunos, no que tange à resiliência. Tendo em vista que a exposição à violência pode causar danos físicos, psíquicos e sociais (PATIAS, SILVA & DELL'AGLIO, 2016), é possível que os participantes da escola municipal tenham outros danos e lacunas em seu desenvolvimento, mas não em relação ao que foi investigado. De acordo com Siede (2020), dar e receber educação é uma situação que está atrelada ao nosso direito de receber condições para construir nosso modo de ser no mundo e nosso destino coletivo.

Outra possibilidade para o panorama encontrado são as condições das instituições onde se encontravam os grupos analisados, mais especificamente os da escola pública. Por se situar próximo a uma instituição de ensino superior da cidade e pela receptividade da equipe gestora, projetos de pesquisa e de extensão são realizados por acadêmicos de Licenciatura em História, em Geografia, em Matemática, em Letras, em Pedagogia, em Ciências Biológicas e em Computação, além da Psicologia. Essa interação pode se configurar como uma possibilidade de desenvolvimento de características e minimização dos danos sofridos pelos estudantes. Corroborando com essa hipótese, Spalding *et al.* (2017) sinalizam que a interação entre Universidade e Educação Básica com o desenvolvimento de práticas experimentais demonstram diversos elementos positivos, configurando-se como um facilitador no desenvolvimento de competências e habilidades.

## **Considerações Finais**

A discussão sobre acessibilidade acaba sendo pano de fundo das reflexões ocasionadas pelos dados aqui apresentados. Questões como meritocracia, por exemplo, só podem ser discutidas mediante contextos que admitam equidade. Apesar de não ser possível generalizar os resultados, nos grupos pesquisados, pertencer a uma escola pública



ocasionou desvantagem para os alunos, mesmo que em apenas um dos aspectos investigados.

Esse contexto também é percebido através de outros cenários, já que nas pesquisas com temáticas sobre violência os estudos são predominantemente voltados para jovens de classes sociais vulneráveis. Foram encontradas dificuldades na busca por literatura que tratasse de jovens em outros contextos socioeconômicos mais favorecidos, em especial com relação à temática de violência escolar em instituições de ensino particulares. Pesquisadores apontam que essa ausência pode ser explicada pela existência de uma associação entre miséria e violência, criando um estereótipo sobre o perfil do jovem que pratica violência (CASTRO & ABRAMAVOY, 2002).

Os resultados da percepção de violência escolar evidenciam que as esferas componentes do fenômeno se interrelacionam, tanto em aumento da ocorrência quanto em diminuição. Estes indicativos podem orientar intervenções futuras, já que os dados demonstraram que a incidência de práticas violentas reverberam entre si.

Em tempos de ensino por modo remoto, entretanto, há que se realizar nova investigação, considerando a cibercidadania para os que têm acesso e a eventual dificuldade para aqueles que não possuem computadores, aparelhos eletrônicos e internet, em situação de exclusão.

Ressalta-se assim que a violência escolar não é um fenômeno isolado, mas se insere em um contexto amplo, onde estão presentes as mais diversas forças, como sociedade, família, desenvolvimento e urbanização. Ela pode ser fruto da violência intrafamiliar, do Estado, de uma realidade de negação de direitos e todo este conjunto se relaciona numa macroestrutura social e política, reiterando, assim, a necessidade de promover estratégias de intervenção que considerem o complexo sistema envolvido.

Apesar de o resultado ser desfavorável em relação à percepção de violência escolar, a tendência à resiliência dos alunos da escola pública se mostra presente, o que ressalta um papel positivo em relação à instituição que frequentam. Essa escola ou estimula ou, no mínimo, mantém a tendência dos alunos, reafirmando o papel da escola pública em relação ao desenvolvimento de crianças e adolescentes. As possíveis adversidades não representaram, nos casos pesquisados, impeditivo para uma situação de demonstração de atitudes saudáveis.

Como o fenômeno da violência é complexo e multifacetado, é possível pensar que várias áreas da Psicologia podem contribuir no seu estudo e intervenção, tais como Psicologia Escolar, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Social, Habilidades Sociais e Avaliação Psicológica são alguns exemplos de contribuições necessárias para dar conta de



situações adversas. As pesquisas também têm uma função importante, na medida em que podem apontar caminhos e tornar a disponibilização de recursos financeiros mais pontuais e voltadas para as demandas encontradas. O acesso à educação, ao cuidado, à estimulação saudável e a um ambiente de paz é uma questão ética e precisa constar das agendas de políticas públicas

## Referências

- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas.** Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/ue000077.pdf>. Acesso em: ago. 2019.
- BANDEIRA, Cláudia de Moraes; HUTZ, Cláudio Simon. **Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros.** Psicologia Escolar e Educacional, Maringá, v. 16, n. 1, p. 35-44, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100004>. Acesso em: jul. 2019.
- BRANDÃO, Juliana Mendanha; NASCIMENTO, Elizabeth do. **Resiliência psicológica: da primeira fase às abordagens baseadas em trajetória.** Memorandum: memória e história em Psicologia. N. 36, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2019.6875>. Acesso em: dez. 2019.
- CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. **Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências.** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 116, p. 143-176, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000200007>. Acesso em jul. 2019.
- CHEUNG, Shannon; XIE, Xiaoxia; HUANG, Chien-chung. Mind Over Matter: Mindfulness, Income, Resilience, and Life Quality of Vocational High School Students in China. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 16: 5701, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17165701>. Acesso em: dez. 2020.
- COHEN, Jacob, **Statistical power analysis for the behavioral sciences.** Hillsdale, NJ, Erlbaum, 1988.
- EGGERMAN, Mark, PANTER-BRICK, Catherine. **Suffering, hope, and entrapment: Resilience and cultural values in Afghanistan.** Social Science & Medicine, n. 71, 71-83, 2010. Disponível em: <https://10.1016/j.socscimed.2010.03.023>. Acesso em: set. 2020.
- FEITOSA, Fabio Biasotto. **A depressão pela perspectiva biopsicossocial e a função protetora das habilidades sociais.** Psicologia, ciência e profissão, Brasília, v. 34, n. 2, p. 488-499, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003188004>. Acesso em: set. 2020.
- FORLIM, Bruna Garcia; STELKO-PEREIRA, Ana Carina; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Relação entre bullying e sintomas depressivos em estudantes do ensino**



**fundamental.** Estudos de psicologia, Campinas, v. 31, n. 3, p. 367-375, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166x2014000300005>. Acesso em: set. 2020.

GODOY, Kleber Aparecido Brígido; *et al.* **Avaliação da resiliência em escolares do ensino médio.** Revista Psicologia Saúde. V.18, p. 79-90, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/view/2320>. Acesso em: set. 2020.

HAACK, Karla Rafaela *et al.* **Resiliência em adolescentes em situação de vulnerabilidade social.** Minas Gerais, Revista Interinstitucional de Psicologia. v. 5, n.2, p. 270-281, 2012. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-82202012000200007&lng=pt&nrm=isso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202012000200007&lng=pt&nrm=isso). Acesso em: set. 2020.

HILDEBRAND, Natália Amaral *et al.* **Resiliência e problemas de saúde mental em crianças e adolescentes vítimas de violência.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 53, n. 17, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/s1518-8787.2019053000391>. Acesso em: 22 nov. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Vulnerabilidade Social**, 2017. Disponível em: <http://ivs.ipea.gov.br/index.php/pt/>. Acesso em: ago. 2020.  
LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5 ed. São Paulo. Atlas, 2003.

MARCOLINO, Emanuella de Castro. **Violência Escolar: Vitimização e agressão entre adolescentes da rede pública municipal de ensino.** Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, 2015. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/tede/2565/2/PDF%20->. Acesso em mai. 2019.  
MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Violência e saúde.** Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho nacional de saúde. **Resolução 510, de 07 de abril de 2016**, 2016. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html#:~:text=1%20o%20Esta%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20disp%C3%B5e,existentes%20na%20vida%20cotidiana%2C%20na](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html#:~:text=1%20o%20Esta%20Resolu%C3%A7%C3%A3o%20disp%C3%B5e,existentes%20na%20vida%20cotidiana%2C%20na). Acesso em: set 2020.

MORETTIN, Pedro Alberto; BUSSAB, Wilton de Oliveira. **Estatística Básica.** São Paulo: Ed. Atual, 1981.

NESELLO, Francine *et al.* **Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos.** Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, v. 14, n. 2, p. 119-136, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1519-38292014000200002>. Acesso em: set 2020.

OLIVEIRA, Arlindo Weber de; FITZ, Paulo Roberto. **Análise da violência em escolas públicas e privadas de bairros de classes sociais a, b, c no município de São Leopoldo, RS.** Cadernos de Educação Pelotas, n. 47, p. 165-185, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/caduc.v0i47.4644>. Acesso em: set. 2020.

OLIVEIRA, Marta Filipa; MACHADO, Teresa Sousa. **Tradução e validação da Escala de**



**Resiliência para Estudantes do Ensino Superior.** *Análise Psicológica*, Lisboa, v. 29, n. 4, p. 579-591. 2011. Disponível em:

<[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312011000400007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312011000400007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: set. 2020.

PATIAS, Naiana Dapieve; SILVA, Doralúcia Gil da; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco.

**Exposição de adolescentes à violência em diferentes contextos:** relações com a saúde mental. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 24, n. 1, p. 205-218, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2016.1-14>. Acesso em: set. 2020.

PESCE, Renata Pires *et al.* **Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência.** *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 436-448, 2005. 87-296, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4322/0104-4931.ctoAO0827>. Acesso em: set. 2020.

RIBEIRO, Maria da Conceição Osório; SANI, Ana Isabel. **Risco, protecção e resiliência em situações de violência.** *Revista da Faculdade de Saúde*, Porto, v. 6, p. 400-407, 2009. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/61007884.pdf>. Acesso em: set. 2020.

RUOTTI, Caren; MASSA, Viviane Coutinho; PERES, Maria Fernanda Tourinho.

**Vulnerabilidade e violência:** uma nova concepção de risco para o estudo dos homicídios de jovens. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 377-389, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832011005000004>. Acesso em: mai. 2020.

RUTTER, Michael. **Psychosocial resilience and protective mechanisms.** *American Journal of Orthopsychiatric*, v. 57, n. 3, p. 316-331, 1987. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.1987.tb03541.x>. Acesso em: set. 2020.

SIEDE, Isabelino. **Desafios actuais de la educación en derechos humanos.** *Revista OLHARES*, v. 08, n. 02, ago. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34024/olhares.2020.v8.10823>. Acesso em: set. 2020.

SANTOS, Laís Katharina da Paixão dos; SANTANA, Cláudia de Carvalho; SOUZA, Marta Vanessa Oliveira de. **Ações para o fortalecimento da resiliência em adolescentes.** *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 10, p. 3933-3943, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320202510.22312018>. Acesso em: nov. 2020.

SILVA, Flaviany Ribeiro da; ASSIS, Simone Gonçalves. **Prevenção da violência escolar:** uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 44, e157305, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201703157305> Acesso em: mai. 2020.

SPALDING, Marianne *et al.* **Contribuição da Universidade na educação básica:** resultados de um projeto de integração docente, 2017. Anais do XIV Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23280\\_12479.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23280_12479.pdf). Acesso em: set. 2020.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina; ALBUQUERQUE, Paloma Pegola; WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. **Percepção de alunos sobre a atuação de funcionários escolares em situações de violência.** *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 376-391, 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: set. 2020.



STELKO-PEREIRA, Ana Carina. **Avaliação de um programa preventivo de violência escolar: planejamento, implantação e eficácia.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos – São Carlos, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/5974/4683.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: set. 2020.

VELOSO, Vandoval Rodrigues *et al.* **Vitimização por bullying e fatores associados em estudantes brasileiros com idade de 13 a 17 anos: estudo populacional.** Revista Brasileira de Epidemiologia, Rio de Janeiro, v. 23, e200097, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200097>. Acesso em Dez. 2020.

WAGNILD, Gail M.; YOUNG, Heather M. Development and psychometric evaluation of resilience scale. *Journal of Nursing Measurement*, v. 1, n. 2, p. 165-178, 1993. Disponível em: [file:///C:/Users/acer/Downloads/1054-wagnild\\_1993\\_resilience\\_scale\\_2.pdf](file:///C:/Users/acer/Downloads/1054-wagnild_1993_resilience_scale_2.pdf). Acesso em mai. de 2019.

Recebido em: 30/09/2020

Aceito em: 12/04/2021